

Lugares virtuais

João Pedro Aido

www.theatlantic.com/education/archive/2014/04/why-teaching-poetry-is-so-important/360346/

Por que razão é tão importante ensinar poesia? Uma reflexão que nos ajuda a perceber como é que a poesia pode ajudar os alunos de uma forma que a prosa – que é omnipresente nos programas de Português – não consegue.

ria.ua.pt/bitstream/10773/10706/1/7088.pdf

O grupo Protexos nasceu em 2005 e reúne professores-investigadores de vários níveis de ensino (básico, secundário e superior). Inscrito no campo da Didática da Escrita, propõe-se não só produzir conhecimento neste campo científico como também atuar em sala de aula, numa dinâmica interventiva de investigação-ação.

Exemplos de projetos individuais: neste endereço, Margarida Cortesão explora o ensino da poesia no 1.º ciclo com recurso a um quadro interativo; outros projetos: Sónia Pereira relata os efeitos de uma sequência didática em textos escritos no 1.º ciclo; Helena Gomes investiga a temática da escrita colaborativa em crianças do 4.º ano; Célia Brito aprofunda a problemática da aquisição da textualidade e da avaliação dos escritos em alunos do 3.º ano.

<https://www.march.es/>

Fundación Juan March. Dispõe de inúmeros recursos de interesse para o professor sobre exposições de arte, ciclos de música e conferências, que também podem ser consultados em linha em versão áudio ou vídeo. Cabe destacar ainda a presença de diversas bibliotecas e arquivos digitais (tal como a biblioteca de Música e Teatro, ou a biblioteca Julio Cortázar).

Em “Asia y yo: conversaciones con artistas” (<https://www.march.es/arte/asia-y-el-arte-contemporaneo-en-espana/conversaciones.aspx>) podemos encontrar uma série de pequenos documentários com entrevistas a 13 artistas sobre a relação entre a arte oriental (da China, Japão e Índia) e a arte contemporânea em Espanha.

www.cibercursoslp.com/index.php?action=destaques&id=60

Uma página de cibercursos de português como língua estrangeira.

24.sapo.pt/opiniao/artigos/erros-de-portugues-e-outras-guerras

Um texto de Marco Neves sobre línguas inventadas, *conlangers* (criadores de línguas) e a busca da língua perfeita. David J. Peterson, diz o autor, foi o linguista contratado pelos produtores da série A Guerra dos Tronos para “imaginar as línguas de povos como os Dothraki” – e Peterson terá ficado aborrecido ao encontrar um erro gramatical numa das frases em dothraki no primeiro episódio dessa série. De facto, “um *conlanger* que se preze não quer ouvir a *sua* língua maltratada! [itálico nosso.]

P

www.pnas.org/content/111/52/E5616.full

Línguas que falam: um artigo da revista *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)* sobre as redes globais das línguas e a sua associação à sua importância e influência. Sobre este artigo, a Ana Gerschenfeld escreveu um artigo de divulgação que se pode encontrar aqui:

www.publico.pt/2014/12/22/ciencia/noticia/influencia-de-uma-lingua-me-dese-pela-capacidade-de-ligar-linguas-distantes-1679990#/follow

A participação portuguesa neste trabalho concluiu que não é o número de falantes nem a riqueza económica o que mais condiciona a influência de uma língua a nível global: a sua influência mede-se principalmente pelo seu nível de ligação com outras línguas e pela sua capacidade de mediar a comunicação entre línguas que, de outra forma, não conseguiriam ‘falar’ entre si.

Assim, escreve Gerschenfeld:

De facto, a seguir ao inglês, as línguas mais centrais a nível global são o francês, o alemão, o espanhol, o italiano e o russo (nessa ordem, com os três últimos no mesmo patamar). E, no "círculo" seguinte, encontram-se, entre outras, o holandês (com apenas 27 milhões de falantes), o português, o sueco (com dez milhões) e o dinamarquês (com seis milhões).

“O português é uma língua intermédia”, explica ainda Bruno Gonçalves. “Porque, apesar de estar difundida pelo mundo e ter ligações a línguas mais distantes, tanto geográfica como linguisticamente, não tem a importância global de uma língua como o inglês tem atualmente ou como o francês teve em décadas passadas.”

rosettaproject.org/disk/concept/

Prevê-se que cinquenta a noventa por cento das línguas existentes no mundo desapareçam no próximo século, a maior parte das quais sem deixar qualquer documento escrito. A Rosette Disk é a componente física do projeto Rosetta Digital Language Archive e pretende ser um arquivo duradouro das línguas humanas. Mas é também um objeto estético, cujo texto é escrito em espiral, começando a uma escala visível e diminuindo até a uma nano-escala, constituindo um arquivo de mais de 1500 línguas e treze mil páginas de documentação sobre elas.

imgur.com/a/iVK8a

Conjunto de nove mapas etimológicos europeus que nos permitem observar semelhanças e diferenças na distribuição linguística de palavras como “urso” ou “laranja” passando por “rosa”, “cerveja” ou “ananás”.

www.pnas.org/content/early/2013/05/01/1218726110.long

Neste artigo, publicado na PNAS, demonstra-se que as línguas de Portugal à Sibéria têm uma origem comum.

www.youtube.com/watch?v=fwnS693y1HE

Sublinhando a longevidade da carreira do Nobel da Literatura de 2016, e afirmando que este tinha já atingido “a plena maturidade quando editou o seu segundo álbum” [*The Freewheelin' Bob Dylan*, de 1963], aos 21 ou 22 anos, António Feijó já não concorda com os que admiram quase exclusivamente o músico dos *sixties*, defendendo a grandeza do Dylan dos últimos 15 ou 20 anos, autor de “uma obra-prima absoluta como *Not dark yet*”, do álbum *Time Out of Mind* (1997), do qual o ensaísta destaca ainda a canção *Blind Willie McTell*. Mas o que faz com que *Not dark yet* “valha a obra completa de muita gente”, nota Feijó, “não é apenas o que está no papel, mas é também o Dylan ao piano, o Mark Knopfler com uma guitarra acústica, e o modo como aquilo é dito: é isso que põe Bob Dylan numa categoria à parte” – cf. jornal *Público* de 13 de outubro de 2016.

O texto de *Not dark yet* é o seguinte: (cf. a página de Bob Dylan: <https://www.bobdylan.com/>)

Shadows are falling and I've been here all day
It's too hot to sleep, time is running away
Feel like my soul has turned into steel
I've still got the scars that the sun didn't heal
There's not even room enough to be anywhere
It's not dark yet, but it's getting there

Well, my sense of humanity has gone down the drain
Behind every beautiful thing there's been some kind of pain
She wrote me a letter and she wrote it so kind
She put down in writing what was in her mind
I just don't see why I should even care
It's not dark yet, but it's getting there

Well, I been to London and I've been to gay Paree
I followed the river and I got to the sea
I've been down on the bottom of a world full of lies
I ain't looking for nothing in anyone's eyes
Sometimes my burden seems more than I can bear
It's not dark yet, but it's getting there

I was born here and I'll die here against my will
I know it looks like I'm moving, but I'm standing still
Every nerve in my body is so vacant and numb
I can't even remember what it was I came here to get away from
Don't even hear a murmur of a prayer
It's not dark yet, but it's getting there

mariosacarneiro.bnportugal.pt

O espólio de Mário de Sá-Carneiro reunido por um admirador francês ao longo de 30 anos e agora disponível à distância de um clique, nesta página da Biblioteca Nacional.

Escreve Fernando Cabral Martins, na apresentação deste “tesouro do nosso património”:

O seu núcleo consiste numa coleção reunida ao longo de uma vida de pesquisa por um intelectual francês, François Castex. Apaixonado pela arte e pela figura de Mário de Sá-Carneiro quando se tornou leitor de francês na Universidade de Coimbra nos anos 60, foi, ainda antes do entusiasmo que se havia de generalizar em torno do Modernismo português, procurando e depois publicando textos esquecidos nas bibliotecas e arquivos. Foi também sendo capaz de recuperar e depois de preparar para publicação muitos inéditos que pôde identificar, sobretudo cartas e manuscritos preparatórios dos primeiros anos.

Assim, Sá-Carneiro, grande amigo de Fernando Pessoa e poeta fulgurante e malgrado, aparece aqui com a dimensão que é a sua, a de um modernista de primeira linha.

Além dos manuscritos literários e cartas da coleção François Castex, encontra-se o essencial caderno

P

de versos (os Índicios de Oiro) e os dois de recortes de imprensa sobre Orpheu, conservados por Fernando Pessoa e integrados no seu espólio. Percebem-se, pelas primeiras edições digitalizadas e ainda mais pelos manuscritos reproduzidos, as leituras novas que (mesmo só virtualmente) podem ser informadas pelas suas características materiais bibliográficas: os traços e cicatrizes da história que livros e papéis transportam consigo, as marcas da vontade de construir objetos com uma personalidade gráfica forte. E, perante o conjunto dos textos múltiplos, a possibilidade de ler as letras traçadas pela mão do poeta permitem ver muito para além da simples soma sintática dos significados das palavras.

As cartas, desde logo, têm essa capacidade de modo mais evidente. Por exemplo, nesta série, o conjunto dos postais enviados a Maria Cardoso Sá Carneiro no dia 7 de junho de 1915 é um estranho objeto, que o lado misterioso de um certo acontecimento não revelado ajuda a tornar intrigante. Há uma carta, aliás, ainda com a mesma data, em que Mário diz a Maria ter-lhe enviado nessa tarde nada menos que um telegrama e 14 bilhetes postais, dos quais François Castex recuperou nove. Maria Cardoso é uma personagem especialmente curiosa da história de Sá-Carneiro: ela é a mundana de Lisboa que se torna madrasta do poeta, que ficara órfão de mãe aos dois anos, e que, na verdade, demonstra por ela, nestas cartas que lhe dirige, um afeto inesperadamente intenso e íntimo que, por outro lado, as referências que a ela faz nas cartas a Pessoa não deixariam antever.

www.eduardolourenco.com/index.html

Uma página dedicada ao maior ensaísta português.

Excerto de uma carta que escreve a Vergílio Ferreira, em 4 de setembro de 1987:

Meu Caro Vergílio

Acabo agora mesmo de receber o livro e parecerá indecente que um velho amigo e mais velho leitor comece este paleio sem reagir, como é curial à oferta, mais que oferta, aqui, em cima da minha mesa. Já li as primeiras páginas, já verifiquei uma vez mais que envia os pais para um limbo de paz que parece uma sucursal do paraíso e que desta vez, como foi de outras, mas em conta final, a conversa vera com o Filho. Ou o não-Filho. Em suma, consigo. Como desde o início mas de outra maneira. Lembra-se de eu lhe ter escrito um dia que o ponto de fuga da sua ficção é tão admirável por pouca ficção ser, entre outras coisas, seria um dia a pura confissão sem máscara, o monólogo puro que no fundo tem sido sempre e que de resto seria o acompanhamento, não necessário, sem o qual «a ficção» não se digna aparecer? É já isso em inúmeras páginas de *Conta-Corrente*, é também isso no seu ensaísmo, o mais subjectivo da nossa fraca tradição dele, mas, paradoxalmente, é sob a máscara que a meditação de fundo (sem fim e até ao fim) atinge a sua sublimidade e esplendor. Como só vou no princípio o que direi aqui, com desvergonha de adivinho, vai sob caução. Não pensava – não pensarei, no fim? – que depois de *Para Sempre* a sua ficção pudesse ter continuação, não continuidade, que é só uma coisa que vem depois de outra. Mas creio que vou render-me à evidência. O essencial está dito – esteve sempre dito e nunca dito – mas abre-se *Até ao Fim*, começa-se a ler e o milagre acontece. Menos o da fábula que continua a polir um «osso» – e a metáfora é justa – que parecia inexcedível de brancura e de silêncio, a Morte, do que o da escrita, do «tom» onde tudo o que importa soa como a nossa memória beiroa no sino da nossa infância (tão comum foi, a alguns quilómetros o nosso mundo, pelo menos «fisicamente», humanamente). O Gide disse do Goethe, e creio que Kafka pensava o mesmo, que o cúmulo do estilo era a sua ausência. O que os *dandys* dizem do vestuário e da elegância nele. Nenhum dos seus livros abre com um começo tão serenamente translúcido. Sempre lhe serviu para se distinguir da sua geração mais ou menos ignara em Horácios e Virgílios a frequência dessa nudez clássica. Com o romantismo – e você é acaso o maior romântico dos nossos escritores, com o Pascoas que o era também na escrita da alma, mesmo com tanta gravidade sarcástica voltada do avesso. Soberbo começo que me deixou em transe, como se fosse o primeiro livro seu ou aqueles que não nos consentem ler mais do que as primeiras linhas, como o de Descartes encontrado pelo Malebranche e lhe mudou a vida. A minha já não mudará – nunca houve, *hélas*, que mudar – mas prometo-me uma grande festa – um festim mesmo se é como o de D. João – para logo à noite, antes que a Annie mo roube e o leia primeiro, como já tem acontecido.

casafernandopessoa.cm-lisboa.pt

O sítio da Casa Fernando Pessoa.

Um retrato possível do autor de *Mensagem* e de *Heróstrato*:

Era um homem magro, com uma figura esguia e franzina, media 1,73 m de altura. Tinha o tronco meio corcovado. O tórax era pouco desenvolvido, bastante metido para dentro, apesar da ginástica sueca que praticava. As pernas eram altas, não muito musculadas e as mãos delgadas e pouco expressivas. Um andar desconjuntado e o passo rápido, embora irregular, identificavam a sua presença à distância.

Vestia habitualmente fatos de tons escuros, cinzentos, pretos ou azuis, às vezes curtos. Usava também chapéu, vulgarmente amachucado, e um pouco tombado para o lado direito.

O rosto era comprido e seco. Por detrás de uns pequenos óculos redondos, com lentes grossas, muitas vezes embaciadas, escondiam-se uns olhos castanhos míopes. O seu olhar quando se fixava em alguém era atento e observador, às vezes mesmo misterioso. A boca era muito pequena, de lábios finos, e quase sempre semicerrados. Usava um bigode à americana que lhe conferia um charme especial. Quando falava durante algum tempo e esforçava as cordas vocais, um dos seus pontos sensíveis, o timbre de voz alterava-se, tornando-se mais agudo e um pouco monocórdico. A modulação da passagem de um tom para o outro acabava por reduzir o seu volume vocal natural e o som então emitido ficava mais baixo e um pouco gutural, tornando-se menos audível.

Nos últimos dez anos de vida, talvez provocado pelo fumo dos oitenta cigarros diários, adquiriu um pigarrear característico, seguido de uma tosse seca.

Embora não muito dado ao riso, Fernando Pessoa tinha uma certa ironia e algum humor, sobretudo se estava bem disposto, o que acontecia algumas vezes quando os amigos mais próximos o desafiavam para jantares. Curiosamente libertava-se então da sua timidez e gesticulava de um modo mecânico e repetitivo, deixando escapar um riso nervoso, às vezes irritante.

Apesar de conviver com os amigos, no fundo nunca deixou de ser um homem neurasténico, solitário e reservado, pouco dado a conversar com estranhos. No final da sua vida, a melancolia e uma exagerada angústia existencial predominavam. Daí a tendência para se isolar dos mais próximos e dos próprios familiares. O seu temperamento ansioso foi interpretado por alguns dos seus biógrafos como uma personalidade do tipo emotivo não ativa. No fundo, era um tímido introvertido, dado a fortes instabilidades de sentimentos e de emoções.

Dotado de um carácter bastante complexo, era, apesar de tudo, um homem simples com uma grande inteligência e de uma extrema sensibilidade... era reservado e não gostava falar de si nem dos seus problemas, protegendo o mais possível a sua privacidade. Terrivelmente supersticioso, tinha momentos em que se comportava de uma forma enigmática e misteriosa, a que decerto não seria alheia a sua velha atração pelo oculto, o esotérico e a própria relação metafísica que tinha com a vida.

estranharpessoa.com

Criado em 2011, o projeto Estranhar Pessoa destina-se a uma revisão exaustiva da discussão em torno da obra de Fernando Pessoa, tomando como ponto de acesso a noção de heterónimo. A sua equipa, composta por jovens investigadores e um conjunto de nomes maiores neste domínio, realiza regularmente seminários e colóquios abertos a todos os que queiram associar-se ao debate. Conheça as publicações da equipa e acompanhe no blogue as atividades do projeto e outras notícias relacionadas com Pessoa.

No sexto número da revista homónima, *Estranhar Pessoa*, de abril de 2019, António M. Feijó, em “Pessoa recebido por *presença*”, defende que

“Em todos estes casos, em particular no da correspondência, os textos de Pessoa têm como horizonte uma situação e um interlocutor dado, mesmo se, com frequência, tacitamente visam uma clarificação que o autor julga necessário tornar pública. São assim parte de um movimento de determinar as condições de recepção da própria obra.

Um tal movimento é, como já foi notado, afim do de Wordsworth, tal como, num texto de 1915, Pessoa o

P

descreve. Pessoa qualifica o excerto do poeta inglês, que adota como programático, com uma hipérbole inesperada: “Estas palavras pertencem já à Eternidade”. Eis como Pessoa o introduz e cita: “Nas sóbrias laudas do seu «Essay Supplementary» à edição de 1815 das *Lyrical Ballads*, Wordsworth escreveu estes períodos: «Se há conclusão que, mais do que qualquer outra, nos seja imposta pela revista, que fizemos, da sorte e do destino das obras poéticas, é a seguinte: que todo o autor, na proporção em que é grande e ao mesmo tempo *original*, tem tido sempre que criar o sentimento estético pelo qual há de ser apreciado; assim foi sempre e assim continuará a ser... Para o que é propriamente seu, ele terá, não só que limpar, senão que muitas vezes que abrir, o seu próprio caminho; estará no caso de Aníbal entre os Alpes.»” (Pessoa, 2000 [*Crítica: Ensaios, Artigos e Entrevistas*, edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa: Assírio & Alvim]: 107-108).

Esta posição de Wordsworth que Pessoa coopta revelar-se-á o modo maior de determinar a posteridade da sua obra, de delimitar o juízo crítico. A carta a Adolfo Casais Monteiro de Janeiro de 1935 é exemplo deste movimento determinativo do teor das interpretações que se lhe seguiram. Para muitos dos intérpretes que pretendem desabusar-nos da sinceridade de um tal movimento, a carta, e evidências análogas, exibem um interesse que excede a obra, são peças de uma campanha *pro domo sua* de acomodação histórico-literária, visam um dividendo extra-literário, de reputação futura, por exemplo. Tal interesse poderá, por isso, parecer perversamente análogo ao de alguém que escreve um poema no intuito de seduzir a pessoa a quem o envia (tipo de finalidade literária mais frequente do que poderá pensar-se).”

formadevida.org

Revista do programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa. A revista tem arbitragem independente, estando aberta a submissões. O seu diretor é Telmo Rodrigues e o Conselho Editorial é composto por Miguel Tamen, João Figueiredo e Humberto Brito.

No número 2 1/2, verão de 2013, sobre “A natureza dos exames”, Joana Meirim defende que

O verso “A Natureza é partes sem um todo”, de Alberto Caeiro, não é contemplado nos cenários de resposta da seguinte pergunta do Exame Nacional de Português do 12.º ano (1ª fase): “Explique, fazendo apelo à sua experiência de leitura, o modo como a Natureza está representada em Alberto Caeiro, fundamentando a sua resposta em dois aspetos relevantes da poesia deste heterónimo de Fernando Pessoa”. À pergunta sobre o modo como a Natureza é representada na poesia de Caeiro, espera-se que os alunos escrevam as partes que aprenderam sobre a poesia deste heterónimo. Assim, dar conta do conhecimento da poesia de Caeiro é dizer um conjunto de ideias determinadas pelo Programa da disciplina e articulá-las com versos expectáveis para cada uma delas: o poeta deambula na Natureza (“Tenho o costume de andar pelas estradas /Olhando para a direita e para a esquerda, /E de vez em quando olhando para trás...”), não pensa e só usa os sentidos para apreender a realidade das coisas (“Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”) e está em plena comunhão com a Natureza (“Não sei o que é a Natureza: canto-a.”). Apesar de se notar que, no último verso citado, Caeiro assume não saber o que é a Natureza, o Programa da disciplina e o Gave [Iave] assumem que há uma comunhão plena com ela. Este gesto é semelhante a assumir que os alunos devem saber determinadas coisas, nomeadamente a ideia de que a poesia de Caeiro tem um tema incontornável, a Natureza.

Ora, um verso como o primeiro que citei nega a ideia de a Natureza ser um todo, defendendo que a uniformização não é a verdadeira realidade das coisas. Um verso destes não é tido nem achado nos cenários de resposta, provavelmente por ser avesso à própria natureza dos exames: a exigência do que é suposto, ou seja, o todo, o padrão, obliterando aquilo que é a individualidade do pensamento dos alunos. A natureza dos exames nacionais do 12.º ano é, pois, um todo padronizado que visa uniformizar, em nome da igualdade de circunstâncias, as hipóteses de os alunos entrarem numa universidade. Esta, por sua vez, recebe-os apenas em função de números, de médias, que reflectem o rigor e a exigência de um Ministério e de um Gabinete, instituições que avaliam um todo homogéneo a que chamam a educação em Portugal.

Tal como a Natureza de Caeiro, a realidade da educação em Portugal não se apreende pelo todo dos resultados dos exames, que são sempre piores do que se estava à espera. Os exames não servem, infelizmente, para fazer diagnóstico da situação do ensino e da aprendizagem, que é necessário, de tempos a tempos, como as análises ao sangue que nós fazemos a pedido do clínico geral. Não é pelos exames que entendemos os motivos do insucesso escolar, a desmotivação dos alunos em sala de aula ou o cansaço dos professores pela pouca autonomia que lhes dão.

O exame pelo exame serve para justificar a existência de um Ministério e de um Gabinete, serve para legitimar a existência de relatórios, que fazem a análise da situação actual do ensino e da aprendizagem, e recomendam, do alto das instituições cá para baixo, o que as escolas, os professores e os alunos devem fazer para a educação em Portugal ser melhor e não se ficar como Caeiro, que “não teve profissão nem educação quase alguma”.

No número 15, a revista homenageia o filósofo Stanley Cavell, falecido a 19 de junho de 2018. No artigo “On admiring Stanley Cavell”, Miguel Tamen escreve que

My admiration for Stanley Cavell is to some extent the admiration for a generation of admirable philosophers most of whom wouldn't find a job in America or anywhere else in the rich world today. Almost all of them (to consider only a notorious temporal section of the Harvard case) were philosophers who could do other things: knew counterpoint, built radios, fought wars, were in shipwrecks, wrote little, climbed mountains, ran art galleries and flew planes. It is not however mere admiration for a certain, generic kind of person: 'doing other things' is not enough to establish a kind. More to the point, in the case of Cavell it is unconditional admiration for philosophers without an area of expertise.

Come to think of it, Plato, or Aristotle, or Descartes, or Hume, or Kant, or Wittgenstein, and perhaps three or four contemporaries remaining, never had any real area of expertise either. You wouldn't imagine any of them revising dissertations, engaging in projects or professional associations, and definitely not in that rumoured conspiracy known as Western metaphysics. Their philosophies have come to us as the expression of an intellectual temperament that we see as whole, substantially independent from what they ever said and from who they were. Seen as such, it matters little whether Kant was discussing numbers or gardens, and Aristotle causes or crocodiles. There is a vast monotony to the best philosophers that overrides the contingent fact of their theories and temperaments.

figurasdaticcao.wordpress.com/2013/03/02/564/

Carlos Reis sobre a personagem como herói:

“De que falamos, quando dizemos de uma personagem que é um herói? Alinho de seguida alguns tópicos de reflexão, para uma caracterização do herói.

Primeiro: o herói é um componente estruturante de algumas narrativas, cuja enunciação se processa em função dessa figura em quem se centram os conflitos e sobre quem pendem ameaças que só ele vence. Acentuo esta dimensão narrativa do herói, nestes termos: sem narrativa não há herói. Aquilo que o legitima é um trajeto de sobre-humana vitalidade, contra obstáculos e forças hostis; desenrola-se esse trajeto num tempo potencialmente narrativizado que o herói atravessa, em movimento de busca e de afirmação do seu estatuto de herói, com maior intensidade e dramatismo quando esse estatuto se coloca sob o signo da transgressão de normas ou de estatutos sociais. Num ensaio célebre, György Lukács falou em herói problemático a propósito do protagonista de *Le Rouge et le Noir* de Stendhal; e notou que o que naquele romance se conta é a “história dessa alma que vai pelo mundo para aprender a conhecer-se, procura aventuras para nelas se testar e, por essa prova, atinge a sua medida e descobre a sua própria essência” (G. Lukács, *La théorie du roman*. Paris: Gonthier, 1970, p. 85).

Segundo: o herói não é atemporal nem a-histórico, pelo que não se manifesta do mesmo modo em todas as épocas. O herói da Antiguidade Clássica povoada por mitos ou aqueloutro herói modelado por ela no século XVI, confina com a condição divina e chega a ofender os deuses, quando quase os iguala: por isso, Baco ataca os novos heróis que, em navegação ousada, tendem a obscurecer o prestígio dos deuses (penso, evidentemente, do que se encontra no canto I, 30, d’*Os Lusíadas*: “O padre Baco ali não consentia/ No que Júpiter disse, conhecendo/ Que esquecerão seus feitos no Oriente/ Se lá passar a Lusitana gente.”). Fernando Pessoa, já noutro tempo, expressou a incómoda vizinhança de deuses e heróis terrenos, com estas palavras enigmáticas: “Como porém o homem não pode ser igual dos Deuses, pois o Destino os separou, não corre homem nem se alteia deus pelo amor divino; estagna só deus fingido, doente da sua ficção.”

Terceiro: o herói não é uma qualquer personagem narrativa. Na palavra que o designa ressoa, de forma

P

bem audível, “uma tonalidade própria que resulta do facto de o vocábulo herói provir do vocabulário religioso, cultural, antropológico, anterior à sua inclusão no da crítica literária” (L. Queffélec, “Personnage et héros”, in P. Glaudes e Y. Reuter (eds.), *Personnage et histoire littéraire*. Toulouse: Presse Univ. du Mirail, 1991, p. 242). Aquela tonalidade não se perde por completo, mesmo quando se dá a secularização do herói nas narrativas subsequentes à laicização das sociedades ocidentais, a partir do século XVIII. Exemplo expressivo: Leopold Bloom é um anti-herói banalizado pelo quotidiano burguês de Dublin, tal como o romance de Joyce o representou; do Ulisses homérico resta a memória desgastada de um heroísmo mítico, outrora roçando o poder dos deuses, poder que reconhecemos anacrónico, mas não perdido para sempre, quanto mais não seja como motivo de ironia nostálgica ou de revisão modernista.

Quarto: certos tempos históricos são especialmente propícios à heroização das personagens narrativas, por razões que têm que ver com as cosmovisões que as enquadram. O renascimento foi um desses tempos, potenciado por filosofias de vida, por ideais de beleza e por princípios de emancipação e de plenitude humana que levaram à redescoberta do homem como herói do seu tempo, viajante por espaços inexplorados e renovador do conhecimento de si e do mundo. Por sua vez, o romantismo associou o porte heroico à reivindicação do individualismo como atitude existencial, ato de rebeldia contra a “normalidade” burguesa ou busca de um absoluto que o comum dos mortais não entendia.

Quinto: o herói enquanto fulcro da narrativa interpela o leitor: “O herói provoca a compaixão, a simpatia, a alegria e a dor do leitor”, disse um dos formalistas russos, Boris Tomachevski, em 1925; e acrescentou: “A relação emocional decorre da construção estética da obra e só nas formas primitivas essa relação coincide obrigatoriamente com o código tradicional da moral e da vida social” (*apud* T. Todorov (ed.), *Théorie de la littérature*. Paris: Seuil, 1965, p. 295). A partir daqui, concluo: a fenomenologia do herói decorre da interação de certas atitudes recetivas (emoções, preconceitos, imagens adquiridas, molduras comportamentais) com os dispositivos retórico-narrativos que procedem à figuração do herói. Em última instância, a concretização do herói, no sentido fenomenológico da expressão, depende de atos cognitivos que investem na leitura do relato muito mais do que a letra do texto revela.”

centenariodesophia.com/

Página das comemorações do centenário do nascimento de Sophia. No manifesto, podemos ler que

Este programa é tributo e evocação, comunicação e divulgação, revelação e conhecimento de uma personalidade única, de uma vida intensa e de uma obra excepcional, que é contemporânea do presente e continuará a sê-lo do futuro.

Criações literárias, artísticas, musicais e cinematográficas, colóquios, conferências, edições, espetáculos, exposições, em Portugal e no estrangeiro, são as formas com que damos nome às coisas que Sophia olhou com olhos abertos e atentos, às que amou e também às que recusou. De todas elas, falou com uma fala cheia de veemência e verdade, propondo-nos “uma imagem exigente de nós próprios que nunca mais nos deixará sossegados”.

Estas comemorações realizam-se a partir de uma ideia e por iniciativa da filha Maria Andresen Sousa Tavares, poeta e artista plástica, que, por mandato da mãe, tem cuidado da sua obra.

Celebrar Sophia no Centenário do nascimento é ouvir a sua voz dizer os poemas por onde passam o mundo e a vontade de o tornar real, nítido e justo como são as palavras em que o disse.

Por outras palavras, as de Sophia, no poema inaugural de *Poesia I*, em 1944 (agora in *Obra Poética I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992, p. 15):

Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.

u-in-u.com/documenta/2017/parthenon-of-books/

Na Documenta de 2017, em Kassel, a artista argentina Marta Minujín criou a instalação *The Parthenon of Books* para a qual precisou de 100 mil livros que sejam ou tenham sido banidos nalgum país do mundo. A instalação foi criada na Friedrichsplatz, em Kassel, onde, em 19 de maio de 1933, cerca de 2000 livros foram queimados pelos nazis durante a chamada “Aktion wider den undeutschen Geist” (Campanha contra o espírito antialemão). Em 1941, o Fridericianum – que era nessa altura usado como biblioteca – foi devorado pelas chamas durante um ataque aliado, e perdeu-se uma coleção de cerca de 350 mil livros.

mapadasartes.pt

A arte em Lisboa ao alcance de um clique; todas – ou quase todas? – as galerias de arte, museus e fundações, entre outros espaços, como o Ar.Co, a Fábrica Braço de Prata, as Carpintarias de São Lázaro ou a ZDB – Galeria Zé dos Bois.

100photos.time.com

As 100 mais influentes fotografias de todos os tempos, de acordo com a revista *Time*.

time.com/3723390/banksy-video-gaza/

Vídeo do artista britânico Banksy, conhecido pela sua arte de rua subversiva. Neste caso, uma narrativa irónica sobre a vida em Gaza.

hwww.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_10_VForm&ERID=24KL53T_6

Portefólio das fotografias do francês Antoine d’Agata: experiências extremas que nos obrigam a envolver na realidade que vemos. Herbertianamente, diríamos: a confirmá-la? A transgredi-la? A refutá-la? Acerca da poesia, diz o autor de *Servidões* (*id.*, p. 136):

(A respeito da poesia pode ainda dizer-se: – A lâmpada acesa faz com que se veja a própria lâmpada)

<http://www.humamulji.com/>

Trabalhos da artista paquistanesa Huma Mulji, de entre os quais podemos destacar a série “Lost and Found”, que faz uma alusão forte às inúmeras vítimas da violência do Estado no Paquistão, aos inúmeros corpos torturados que são encontrados no país, ao longo dos anos, aos cadáveres não reclamados que acabam nas mesas dos médicos de medicina legal, mas também uma referência aos conceitos de velhice, solidão, fome e humilhação, tal como eles se manifestam no corpo humano.

P

sallymann.com

Página de Sally Mann, considerada, em 2001, pela revista *Time*, a melhor fotógrafa americana. Um olhar brilhante e sombrio, tecnicamente prodigioso, marcado por um *punctum* de morte, decadência, sexualidade, distorção.

vimeo.com/132637656

Página de tributo ao grande arquiteto italiano Alberto Ponis e às suas criações dispersas pelo norte da Sardenha. Um testemunho do seu trabalho apaixonado e meticuloso, numa busca constante de equilíbrio com a paisagem, como é o caso da casa Hartley, que funde planos geométricos estritos com um contexto local de rochas sobrepostas em declives acentuados.

www.uncubemagazine.com/blog/15194017

A casa Hartley, de Alberto Ponis, aqui descrita e comentada por Sebastiano Brandolini.

<https://www.ianruhter.com/>

O colódio húmido é um antigo processo fotográfico que foi inventado em 1848 pelo inglês Frederick Scott Archer (1813-1857), mas apenas introduzido em março de 1851. Archer descobriu que o colódio, uma solução viscosa de piroxilina, quando misturada a outros reagentes e em contato com nitrato de prata, se torna um material sensível à luz.

A técnica consiste na aplicação deste colódio ainda líquido numa placa de metal ou vidro, criando-se então uma película muito fina. Esta placa é submersa por alguns minutos numa solução de nitrato de prata, tornando-se assim fotossensível.

É esta técnica que inspira o artista americano Ian Ruther, criando, com a equipa Silver & Light, objetos numa dimensão única, que parecia impossível. No documentário *Obscura*, este alquimista da imagem fotográfica cria, em Bombay Beach, no Imperial Valley da Califórnia, uma câmara do tamanho de uma casa abandonada e que permite ver um sonho do interior para o exterior – por exemplo, as imagens de Ted, um residente de 100 anos que se encontrava recentemente sem abrigo, eram projetadas no interior da câmara-casa, dando uma nova vida a esta estrutura abandonada. Ao estar presente nos dois lugares, o interior e o exterior, Ted, que era um sem-abrigo no mundo exterior, era também alguém cuja imagem projetada no interior lhe permitia estar sentado simultaneamente numa sala que era de novo a sua casa.

Cansado da imagem digital e de estar sentado ao computador a editar códigos, em vez de capturar a vida, Ian Ruther descobriu nesta técnica do século XIX uma forma de encontrar uma autenticidade perdida ligada a objetos físicos e a interações humanas – *perfeições imperfeitas*, designa ele estes ambrótipos.

www.perseus.tufts.edu

A página da Biblioteca Digital Perseus, cuja missão é tornar acessível o mais completo registo da humanidade, desde fontes linguísticas a artefactos físicos ou espaços históricos. Perseus concentra-se sobretudo, mas não exclusivamente, no mundo greco-romano e nos clássicos gregos e latinos, permitindo o acesso a representações digitais de imagens de objetos, lugares, inscrições, páginas impressas, informação geográfica, catálogos,

artigos de enciclopédias e de outras fontes de informação estruturada, entre outros, e produzindo conhecimento através da análise da informação existente através de sistemas automatizados.

Por exemplo, a busca por “Dánae” (mas sem acento) permite encontrar 61 documentos em inglês, dos quais os dez primeiros incluem referências encontradas em Ésquilo, Apolodoro, Heródoto, Hesíodo, Homero, Isócrates (duas referências), Píndaro (também duas referências) e Sófocles.

olamtagv.wordpress.com/2008/06/02/obituario-de-pedro-mexia-em-2040/

Obituário de Pedro Mexia em 2048, por Osvaldo Silvestre:

“Faleceu ontem Pedro Mexia. Foi poeta, crítico, pioneiro daquilo que há umas décadas se chamou blogosfera, romancista (com um único romance) e desempenhou uma série de cargos institucionais, de subdirector, e depois director, da Cinemateca Portuguesa, a Ministro da Cultura. Após uma publicação inicial algo intensa de volumes de poesia, passou a ser um poeta bissexto, editando cada vez menos. As suas duas últimas colectâneas, espaçadas por 12 anos, bem como a reunião, muito desbastada, da sua obra poética, suscitaram um consenso crítico que a certa altura parecia ter desaparecido. O seu único romance, já tardio, uma vasta suma intitulada *Só e mal acompanhado*, foi amplamente premiado mas debatido com rara virulência: houve quem referisse Blanchot e Beckett, houve quem dissesse ser o mesmo de sempre, numa espécie de vasto blogue feito de pequenos e grandes nada. Publicou dois volumes de crítica literária, o último dos quais em 2010, com o título *Fogo Lento*. Depois dessa data, que coincide com a extinção do último suplemento literário na imprensa portuguesa, deixou a actividade. É consensual que revolucionou a Cinemateca no período em que a dirigiu, mas ao preço, acusam muitos, de a ter aberto em excesso ao *mainstream* e de ter manifestado um profundo descaso por cineastas radicais da linha de Pedro Costa, o que lhe valeu um famoso abaixo-assinado de protesto contra «A segunda morte de Bénard da Costa». Como Ministro da Cultura distinguiu-se por não ter mudado o nome a nenhum dos institutos sob sua alçada e por ter continuado as boas práticas do seu antecessor directo, Rui Tavares. Como ele, queixou-se de falta de verbas para a Cultura. No âmbito geral, a sua obra escrita, muita dela produzida para os média, deixa uma impressão de dispersão por demasiados mundos, manifestando, segundo alguns, a incapacidade de Mexia para escrever uma obra ensaística de grande fôlego. Quando confrontado com semelhante acusação, Mexia concordou sempre com a crítica, lembrando porém a máxima de Borges segundo a qual «Esforço inútil é conceber vastas obras. Mais vale partir do princípio de que elas existem e escrever-lhes breves comentários». Católico não muito praticante, foi a partir de certa altura membro do Conselho Consultivo da Universidade Católica. «Morreu dentro da fé», garantiu o Cardeal Patriarca Tolentino de Mendonça, que o acompanhou nos últimos momentos, momentos em que, segundo fontes bem informadas, não nos deixou sem citar um dos seus autores de cabeceira, Machado de Assis: «Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria».”

Correio da Manhã, 2/06/48

pedromiguelgon.wordpress.com

O blog do Tlönista, em 24 de julho de 2011, citando o escritor, crítico e ensaísta holandês Gerrit Komrij, falecido em 2012 e que vivia no norte de Portugal:

“Na Holanda, vivi sempre em casas que não eram a sério, exemplares empertigados que só ao conjunto ficavam a dever a consideração. Com uma porta da frente a dividir com outros. Com uma chaminé por onde senhores e senhoras totalmente desconhecidos também largavam as suas volutas. Com um sótão que, por nele casualmente morar um estudante, gozava por sua vez de direito ao nome de casa. Número tantos, quarto andar. O desgraçado. Só em Portugal o meu desenho de criança se fez realidade. Existem por cá, já de si, mais Casas

P

a Sério, visto os portugueses confiarem muito pouco nisso de morar com um vizinho debaixo de um e o mesmo tecto. Cada português procura concretizar o mais depressa possível o seu sonho de uma Casa a Sério, com um quintal e uma vedação em volta, e sobretudo diferente da do vizinho. Daí que, em Portugal, se ergam na paisagem tantos desenhos de criança realizados à pressa, cada um mais feio que o outro, e sem intervenção de qualquer instância que olhe pela estética, executados a partir da original garatuja infantil, casas que são todas elas o seu tanto diferentes, e contudo tremendamente parecidas.”

ramonlarramendi.com/inicio/

A página de Ramon Larramendi, um explorador polar.

www.esquire.com/sports/a5151/the-string-theory-david-foster-wallace/

“The String Theory”: um ensaio de David Foster Wallace investigando obsessivamente a Física e a Metafísica do ténis. O que acontece quando a inteligência e a capacidade atlética de um homem se concentram em colocar uma imprevisível bola amarela onde o seu adversário não está?

<https://largeur.com/?p=3846>

Um problema de cultura: a maior parte das transações financeiras em bolsa ainda depende de decisões humanas? Como explica Jean-Philippe Bouchaud, um antigo físico francês que agora trabalha na área financeira e é diretor do Capital Fund Management, um dos mais importantes fundos de investimento franceses: as transações de alta frequência são ordens de compra ultrarrápidas, repetidas regularmente e imediatamente anuladas 25 milissegundos após o seu surgimento. Esta técnica de ‘tatear’ permite aos programas informáticos “adivinhar” os preços de compra e de venda de produtos financeiros e de garantir uma mais-valia introduzindo-se numa transação entre dois participantes no mercado, por vezes eles próprios máquinas. Estes micro-lucros, multiplicados milhões de vezes num único dia, garantem rendas substanciais: a riqueza das nações ao alcance de um algoritmo!

www.youtube.com/playlist?list=PLh9mgdi4rNew731mjIZn43G_Y5otqKzJA

A série “The Experts in Emotions”, da Universidade de Yale, explora os mistérios das emoções humanas a partir de alguns dos maiores especialistas mundiais nas diferentes áreas.

edge.org

Se tivéssemos de ir para uma ilha deserta e tivéssemos de escolher apenas um sítio para nos acompanhar, a página da revista *Edge* seria uma boa escolha? Estar na fronteira do conhecimento e partilhar o pensamento das mentes mais brilhantes, que se colocam mutuamente questões às quais procuram responder, seria uma boa ideia? Sendo um sítio ‘provocante’, será surpreendente encontrar Brian Eno a falar de jardinagem?

movingcinema.eu/pt-pt/strands-of-work/filming-with-mobile-devices/

Projeto para filmar com dispositivos móveis apresentado deste modo:

“Fazer uma ligação entre o visionamento dos filmes e as práticas criativas com telemóveis e tablets permite que os jovens desenvolvam uma reflexão profunda sobre os filmes. Eles analisam o guião, o estilo e as escolhas cinematográficas do realizador, e questionam as decisões cinematográficas dos autores. Para além disso, tendo a sua própria experiência prática, permite que eles criem laços mais pessoais com o cinema, sintam que a sua análise e interpretação são valorizadas e que se sintam mais próximos dos filmes.

Ao mesmo tempo, ver excertos de filmes fomenta o seu conhecimento sobre a diversidade e a riqueza do cinema europeu. Para fomentar esta descoberta, apresentamos tanto filmes completos como excertos, o que permite uma análise mais pormenorizada das decisões cinematográficas dos autores.” Alguns dos realizadores sobre os quais se trabalha neste projeto são Chantal Akerman, Mercedes Álvarez, Pedro Costa, Raymond Depardon, José Luis Guerin, Jonas Mekas, Manuel Mozos, Paulo Rocha, Vittorio de Sica, Audrius Stonys, Robertas Verba, entre muitos outros.

www.filmcomment.com/blog/interview-gabriel-abrantes/

Entrevista a Gabriel Abrantes, realizador português nascido nos EUA e autor de, entre outros filmes, *A History of Mutual Respect*, *A Brief History of Princess X*, *Taprobana* e *Diamantino*, recentemente estreado nas salas portuguesas.

www.youtube.com/watch?v=eE57ic5qtYQ

Página de *If You Walk The Galaxies* – projeto de entrevistas de Cláudia Marques Santos ao artista plástico e cineasta Gabriel Abrantes.

www.youtube.com/watch?v=2bBAFc7ajFI

À conversa com Gabriel Abrantes no MIT List Visual Arts Center.

www.luisalvesdematos.com/pt/index.php

Página do cineasta Luís Alves de Matos, autor de *O Passageiro* (“O espetador deste ensaio cinematográfico é convocado como um “passageiro” e conduzido num percurso tão labiríntico quantos os caminhos de leitura que descobrimos na marginália de Pessoa. Os sublinhados e o que Fernando Pessoa deixou escrito nos espaços brancos dos livros da sua biblioteca são um testemunho único do seu diálogo permanente com esses livros.”)

Alves de Matos fundou em 2001 a produtora Amatar Filmes, dando continuidade à produção e realização independente de documentários no campo da arte contemporânea e de filmes experimentais. Foi premiado em 1999 nos X Encontros Internacionais de Cinema Documental da Malaposta com o documentário *A Fazer o Mal* e distinguido em 2008 e 2011 com o Prémio Melhor Filme Português dos Prémios de Cinema Temps D'Images, respetivamente com os filmes *Lost in Art - Looking For Wittgenstein* e *Luz Teimosa*.

P

aprender-digital.webnode.pt

Aprender digital: um sítio criado para facilitar o trabalho das bibliotecas escolares na seleção de ferramentas digitais que potenciem o desenvolvimento da literacia de leitura, dos média e da informação.

Para a escrita, por exemplo, podem ser usadas ferramentas como o Inklewriter (para criar sequências alternativas em que o leitor escolhe entre hipóteses de continuação), o Active Textbook (para textos em que se inserem hiperligações, *quizz*, comentários), o Story Jumper (para a escrita criativa digital), o Storybird (para escrever com base em ilustrações fornecidas), o Little Bird Tales (que permite a gravação de voz e carregar imagens), o Scratch (que permite uma iniciação a programação), ou o Make Beliefs Comix (para banda desenhada), entre muitas outras.

poetryme.dei.uc.pt

Um investigador da Universidade de Coimbra criou o "PoeTryMe", o "primeiro 'poeta artificial' português", cujas criatividade e inspiração não têm limites, sendo capaz de gerar poemas em menos de um minuto. "Na véspera do Dia Mundial da Poesia [21 de Março], apresentamos o primeiro 'poeta artificial' português", desenvolvido pelo investigador Hugo Gonçalo Oliveira, anunciou a Universidade de Coimbra. Na prática, trata-se de "um sistema informático inteligente que se apoia em redes de palavras, relacionadas de acordo com os seus sentidos, e em padrões de versos, obtidos a partir da análise de poesia escrita por humanos, gerando a partir daí poemas em língua portuguesa sobre as mais diversas temáticas", explicita a mesma nota.

<http://www.languageisavirus.com/index.php#.XKqobxGJLcs>

Um sítio de escrita criativa com centenas de exercícios para curar o bloqueio do escritor!

sites.arte.tv/philosophie/fr

A filosofia é uma arte, com Raphaël Enthoven no canal Arte: por exemplo, uma reflexão sobre sedução ou assédio, com Gilles Lipovetsky e Sandrine Rousseau. Ou a resposta à pergunta: a mulher existe? O que é ser mulher?

Para os estudos de género, a feminilidade é uma norma social, de que temos de nos afastar para sermos livres. A psicanálise procura saber, por outro lado, como pode um indivíduo satisfazer as suas pulsões sexuais – nesta perspetiva, o género não é senão uma estratégia entre outras. Assim, a mulher enquanto tal existe? As respostas são debatidas com Clotilde Leguil, filósofa e psicanalista, autora de *L'être et le genre: homme / femme après Lacan* (Puf, 2015).

revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/16182/10956

Entrevista a Alberto da Costa e Silva (capa do número duplo 50-51 da revista *Palavras*), escritor, poeta, historiador, diplomata, membro da Academia Brasileira de Letras e Prémio Camões 2014. Excertos:

Eu não acho que no mundo haja uma tradição democrática. Que tradição democrática tem a Alemanha ou a França? Que tradição democrática tem a Itália? Quando se olha para a história desses países, a democracia deles é tão jovem ou mais jovem que a do Brasil. Quando se comparam essas tradições, percebe-se que toda democracia não é completa, não é perfeita, não é total, possui apenas determinados parâmetros

democráticos. E quando se observa o Brasil do século 19, a partir de 1840 até 1889, e o compara com os países europeus, verifica-se que nós éramos muito mais democráticos do que a França e a Alemanha. Talvez não fôssemos mais democráticos do que a Inglaterra. Mas, tirando os países escandinavos e a Inglaterra, todos os demais tinham uma carência democrática muito grande e viveram mais tempo sob ditaduras, sob governos autoritários, do que sob governos democráticos. A França conta com muito menos anos de liberdade, de livre expressão do pensamento, do que o Brasil. (...) De maneira que tenho um pouco de dificuldade para tratar de assuntos contemporâneos, porque não sou politicamente nem correto, nem incorreto: sou cismático.

Eu queria que pessoas se preocupassem com coisas mais objetivas, por exemplo, o papel da tia solteira na sociedade brasileira. Não há um ensaio sobre a tia solteira na sociedade brasileira. A tia solteira na sociedade brasileira para mim é fundamental para a organização familiar. Pensem bem... e vão verificar que eu tenho razão.

Então é preciso, com relação a África, termos certos cuidados. Por exemplo, quando eu era embaixador na Nigéria, havia mais de uma dezena de firmas brasileiras trabalhando lá. Um dia, o gerente de uma dessas firmas me disse: “Eu estou muito aborrecido. Eu descobri que o Maicon, o meu chofer, é um mentiroso. Há uns seis meses, ele me pediu para ir à aldeia dele, porque a mãe tinha morrido. Há uns dois meses, ele voltou a me pedir pra ir à aldeia, para o enterro da mãe. E, ontem, novamente alegou que a mãe tinha morrido e precisava assistir às cerimônias fúnebres”. Mas o Maicon não está mentindo – disse eu. E o gerente cortou-me: “Uma pessoa não pode morrer três vezes”. Ao que retruquei: é que ele tem três ou quatro mães. Tem várias mães, porque todas as mulheres do pai dele são mães, e ele foi criado por todas, a meninada era filha de todas elas. Você sabia qual era a sua mãe de verdade, a mãe de verdade naturalmente tinha um carinho especial e um amor especial pelo próprio filho e o favorecia sempre que pudesse, isso é óbvio, isso é normal, mas ela tinha obrigações para com as outras crianças também e as outras crianças se apoiavam nela também.

www.winkingbooks.com/wb/!go

Plataforma de Troca de Livros gratuita: toda a gente tem livros em casa, grande parte dos quais estão arrumados na estante para nunca mais serem utilizados, um *stock* de livros abandonados. Aqui pode usar esses livros como “moeda” de troca e ler novos livros...

jwikert.typepad.com/the_average_joe/2012/06/social-reading-is-coming-deal-with-it.html

O blogue de Joe Wikert dá-nos aqui boas ideias para pensarmos que a leitura não tem de ser um ato individual e solitário e que a 'leitura social' depende apenas de um conjunto de recursos e aplicações que *já estão disponíveis* – a consulta à extensa lista de arquivos é indispensável.

bookshout.com

Bookshout permite criar círculos de leitura entre diferentes pessoas, por exemplo, clubes de livros numa família, entre amigos, entre turmas, permite aceder ao que outras pessoas estão a ler, permite a partilha de comentários, por exemplo deixados em notas de leitura, permite que se responda a notas deixadas por outros leitores ou mesmo aceder a discussões com o próprio autor. Estes círculos de leitura, que podem ser partilhados em redes sociais como o Facebook e o Twitter ou ser privados, obrigam certamente a repensar as estratégias de leitura tradicionais.

P

www.landfillharmonicmovie.com/

O mundo gera mais de mil e trezentos milhões de toneladas de lixo todos os anos. Esta quantidade deverá chegar aos dois mil e duzentos milhões de toneladas em 2025 – e são as populações mais pobres, como a de Cateura, no Paraguai, que vivem no lixo e do lixo. Neste projeto, no entanto, vemos como a população de Cateura transforma o lixo em beleza, a partir do trabalho de uma orquestra, a “Orquestra Reciclada”, cujos instrumentos musicais, tocados pelas crianças desse bairro de lata, são inteiramente feitos de objetos e peças depositados no lixo e desse modo reciclados. Este projeto simboliza também o imenso, e provavelmente subavaliado, poder transformador da música.

www.tinymixtapes.com/music-review/scott-walker-bosh-bosch

Ensaio crítico de Ed Comentale sobre *Bish Bosch*, o disco de Scott Walker, músico britânico nascido nos EUA e falecido no dia 22 de março de 2019. Intertítulos: *The Decaying Body*, *The Decaying Empire*, *The Decaying Language*, *The Decaying Star*. Uma defesa poderosa de um disco muito difícil cujo ‘sucesso’ depende do trabalho do *composição do sentido* que os ouvintes fizerem. Dizer que é um disco ‘não convencional’, ‘perturbador’ ou ‘enigmático’ não significa nada – em vez disso, podemos dizer que é um álbum que assume uma atitude pessimista que parece desprezar a cultura contemporânea, o que deixa, por isso, o ouvinte sem referências. Aliás, Ed Comentale descreve o estilo do disco como “gynozoonism” e “epizootics”... Mas desprezar a cultura não é muito longe do que Herberto Helder defende em *Photomaton & Vox*, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 120:

A cultura é uma operação de empobrecimento da revelação. Compreenda-se: a cultura é a moral da imaginação; fecha prudentemente a excessiva abertura da linguagem, a formulação entusiástica do símbolo. Quem está fora da cultura propicia-se à revelação.

www.youtube.com/watch?v=D236cCikGmA

Como falar de um modo que as pessoas queiram ouvir? Já teve aquela sensação de estar a falar mas ninguém estar a ouvir? Mas aqui está Julian Treasure para nos ajudar, numa poderosa, prática e influente conferência TED.

<http://www.memoriamedia.net/>

Página do e-museu da memória imaterial: cantos e contos; conhecimentos e modos de fazer enraizados no quotidiano das comunidades; rituais, festas e celebrações; mercados, feiras e outros lugares onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas; narrativas na primeira pessoa; documentos e estudos que debatem aspetos da tradição oral e do património imaterial; eventos, festas e festivais dedicados a essa tradição; bases de dados.